

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE MEL NA ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB

Maria de Fatima Vidal

Engenheira Agrônoma, Mestre em Economia Rural

A apicultura na Atuação do Banco do Nordeste faturou R\$ 155 milhões em valor da produção e US\$ 21,7 milhões em exportações

1 Introdução

Na área de atuação do BNB (Nordeste, Norte de Minas Gerais e Norte do Espírito Santo) a apicultura possui elevada importância social, pois está concentrada no semiárido, mais especificamente nos estados do Piauí, Bahia e Ceará, onde são poucas as opções de atividades produtivas rentáveis no meio rural devido às limitações inerentes à Região, em especial escassez de água.

Apesar da adaptação das abelhas (*Apis mellifera*) às condições climáticas do semiárido brasileiro, a apicultura, assim como as demais atividades agropecuárias, sofre com a escassez de chuvas. A seca ocorrida em 2012, seguida por mais cinco anos de chuvas irregulares e abaixo da média, provocou drástica redução da produção de mel na Região.

Entre 2014 e 2017, a produção de mel no Nordeste voltou a dar sinais de recuperação, no entanto, o volume produzido em 2017 ainda foi 20% inferior à produção obtida em 2011, ano anterior à seca. Vale a pena destacar o crescimento contínuo da produção de mel no Maranhão a partir de 2014, que tornou o Estado o terceiro maior produtor da área de atuação do BNB.

Persistem ainda muitas dificuldades inerentes ao setor apícola nordestino que limitam o pleno desenvolvimento da atividade na Região. O apicultor possui baixo nível de profissionalização; existe dificuldade de acesso a tecnologias e assistência técnica; há carência de casas de mel devidamente equipadas e que atendam as exigências legais; limitada infraestrutura de laboratórios para pesquisa e controle de qualidade dos produtos e grande número de apicultores não dispõem de canais de comercialização adequados. O conjunto desses fatores resulta numa baixa rentabilidade para o apicultor.

2 Cenário mundial

A China encabeça a produção de mel natural no mundo, o mel desse País é um dos mais baratos no mercado mundial, o baixo custo de produção faz da China um dos mais competitivos, se não o mais competitivo do mundo no mercado de mel. Em 2017, a China foi responsável por 29,2% de todo o mel produzido no mundo, sendo também o maior exportador mundial e o principal fornecedor para a União Europeia. A China vende seu mel com preços inferiores ao preço médio mundial, no entanto, importa pagando um dos maiores valores unitários a nível mundial (FAO, 2019).

O segundo maior produtor mel natural no mundo é a Turquia com 6,2% da produção, porém, este País não possui uma participação expressiva no mercado mundial do produto (FAO, 2019).

A Argentina, apesar dos problemas climáticos e de mercado que tem enfrentado, continua como o terceiro

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Dalylly Soares de Azevedo e Antônio Kassyo Monteiro Costa (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

maior produtor mundial. Em 2016, a Argentina respondeu por 12% do volume total de mel comercializado no mundo, ocupando a posição de segundo maior exportador global de mel em termos de volume e o terceiro em termos de valor. O País exporta mais de 90,0% da sua produção e seu produto é reconhecido mundialmente como de boa qualidade (FAO, 2019). Porém, as perspectivas de produção de mel em 2019 na Argentina são desfavoráveis, mais uma vez devido a problemas climáticos.

Figura 1 – Produção mundial de mel em 2017



Fonte: FAO (2019).

Outro país que possui elevada competitividade no mercado mundial de mel é a Nova Zelândia, que responde por menos de 1% da produção mundial de mel e por apenas 1,5% do volume do produto comercializado anualmente no mundo, no entanto, é o segundo país que mais fatura com a exportação de mel no mercado mundial. Enquanto a China exporta grande quantidade de mel sem valor agregado e por baixo preço, a Nova Zelândia comercializa pequeno volume de um produto de alto valor agregado, resultado de amplas pesquisas que demonstraram as ótimas atividades biológicas do seu mel, fazendo deste um alimento funcional¹.

O Brasil, apesar do vasto potencial para a produção apícola e de ser reconhecido um dos países exportadores de mel de alta qualidade, ocupou em 2017 a décima primeira posição na produção mundial de mel e responde por menos de 4,0% das exportações globais do produto.

¹ Alimentos que comprovadamente possuam capacidade de atuar no crescimento, desenvolvimento, manutenção e outras funções no organismo. Ou seja, “podem auxiliar, por exemplo, na manutenção de níveis saudáveis de triglicerídeos, na proteção das células contra os radicais livres, no funcionamento do intestino, na redução da absorção do colesterol, no equilíbrio da flora intestinal, entre outros, desde que seu consumo esteja associado a uma alimentação equilibrada e hábitos de vida saudáveis” (ANVISA, 2019).

A demanda mundial por mel, principalmente por produto diferenciado, mostra tendência de crescimento. Entre 2011 e 2016, as importações mundiais cresceram 4% a.a. em termos de volume e 3% a.a. em valor.

O maior comprador mundial de mel são os Estados Unidos, em 2016 as importações do País totalizaram 422,5 milhões de dólares o que representou 21% das compras mundiais. O segundo maior importador em termos de valor foi a Alemanha, com 278,3 milhões de dólares e o terceiro foi o Japão com 157,7 milhões.

O Nordeste, em particular, possui elevada competitividade no mercado mundial de produtos apícolas. O diferencial do mel nordestino está na baixa contaminação por pesticidas e por resíduos de antibióticos, pois grande percentual do mel produzido na Região é proveniente da vegetação nativa. Além disso, a baixa umidade do ar dificulta o aparecimento de doenças nas abelhas, dispensando o uso de medicamentos. O mel orgânico brasileiro recebe nos Estados Unidos melhor remuneração do que o mel de outros importantes países produtores.

3 Produção brasileira de mel

Em 2017, foram produzidas 41,6 mil toneladas de mel no Brasil, dos quais 16,5 mil toneladas no Sul do País. Por conta dos efeitos da seca em 2012 e dos seguidos anos de chuvas abaixo da média, o Nordeste deixou de ser o maior produtor nacional de mel.

Tabela 1 – Produção brasileira de mel (Em toneladas)

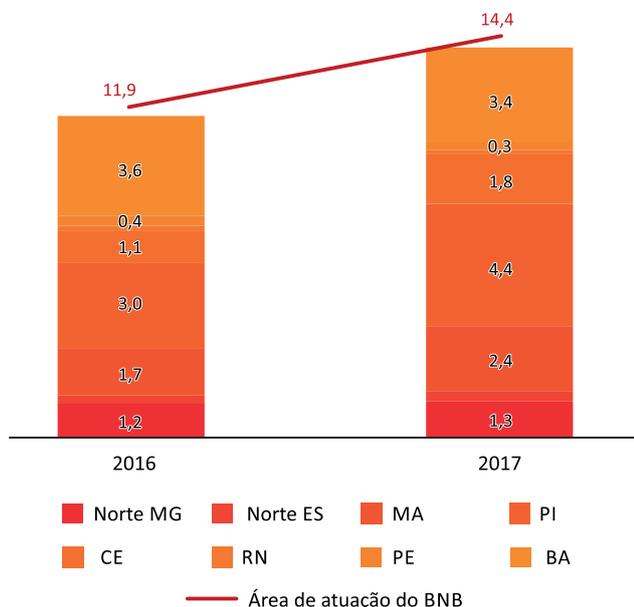
Região/UF	2016	2017	Variação (%)
Norte	905,5	802,9	-11,3
Nordeste	10.399,8	12.757,6	22,7
MA	1.710,7	2.355,9	37,7
PI	3.048,8	4.404,7	44,5
CE	1.149,4	1.776,2	54,5
RN	204,0	174,9	-14,3
PB	156,6	156,4	-0,1
PE	372,1	255,8	-31,3
AL	110,3	167,9	52,2
SE	68,5	58,5	-14,6
BA	3.579,5	3.407,4	-4,8
Centro-Oeste	1.699,6	2.036,6	19,8
Sudeste	9.467,4	9.500,4	0,3
Sul	17.146,5	16.496,5	-3,8
BRASIL	39.618,8	41.594,0	5,0

Fonte: IBGE (2019).

Em 2017, a produção de mel voltou a crescer no Piauí e Ceará, resultado do melhor volume de chuvas que embora tenha sido abaixo da média, foi suficiente para o crescimento dos enxames. Nesse ano foram produzidas no Nordeste 12,8 mil toneladas de mel (Tabela 1). Na área de atuação do BNB a produção total foi de 14,4 mil toneladas

(Gráfico 1), volume 22,8% superior ao obtido em 2016, porém, ainda foi 21% inferior ao obtido em 2011. Vale ressaltar o crescimento da produção de mel no Maranhão, em 2017 o Estado foi o terceiro maior produtor da área de atuação do BNB, superando o Ceará.

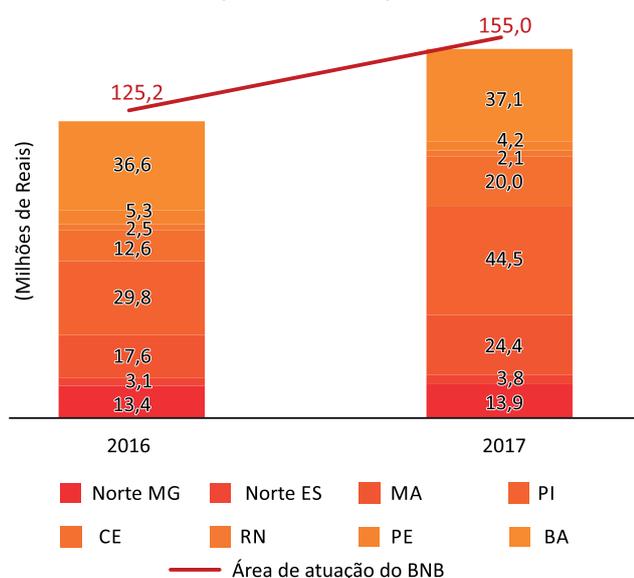
Gráfico 1 - Produção de mel na área de atuação do BNB em 2016 e 2017 (Em mil toneladas)



Fonte: IBGE (2019).

Em termos de valor de produção o crescimento na área de atuação do BNB foi mais expressivo, (23,8%) entre 2016 e 2017, esse foi o resultado da valorização do produto e do crescimento da produção no Piauí, Bahia e Maranhão. Em 2017, o valor da produção de mel na área de atuação do BNB foi de R\$ 155 milhões (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Valor da produção de mel na área de atuação do BNB (Milhões de R\$)



*Valores corrigidos pelo IGP-DI (Dezembro 2017).

Fonte: IBGE (2019).

4 Aspectos gerais da cadeia produtiva

Apesar de ser atualmente uma atividade consolidada no Nordeste, o fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos apícolas ainda é deficiente na Região. Existe uma maior concentração desse segmento nos tradicionais estados produtores de mel: Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.

Com relação à fabricação de colmeias, predomina as pequenas empresas informais. Para a confecção de indumentárias nota-se na Região deficiência de empresas que ofereçam produtos de qualidade e que proporcionem maior conforto aos apicultores.

De acordo com Khan (2014), grande parte dos apicultores nordestinos beneficia sua produção em casa de mel comunitária (da associação ou cooperativa), pois para viabilizar uma casa de mel, mesmo pequena, é necessária uma escala mínima de produção. A apicultura exige ainda que os apicultores trabalhem em mutirão na colheita e beneficiamento do mel. Os produtores que não são associados pagam pelo serviço de beneficiamento em casa de mel de associação/cooperativa ou em entrepostos. Um pequeno percentual de apicultores faz o beneficiamento do mel em locais improvisados.

Uma das grandes ameaças ao setor está relacionada às normas sanitárias, pois a maioria dos apicultores nordestino mantém sua atividade na informalidade, sendo que grande número de casas de mel não está de acordo com as normas sanitárias exigidas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Além disso, os entrepostos no Nordeste estão concentrados no Ceará e Piauí.

5 Mercado

O consumo *per capita* de mel no Brasil situa-se entre os menores do mundo, em 2017 o consumo de mel no Brasil foi de 0,07kg/pessoa/ano enquanto em países como a Alemanha é superior a 1 kg/pessoa/ano e nos Estados Unidos, que é o principal destino do mel brasileiro, gira em torno de 0,6 kg/pessoa/ano.

Portanto, existe um vasto mercado interno, porém ainda potencial, pois grande parte da população brasileira percebe o mel como um medicamento, sendo um dos principais fatores que explicam o baixo consumo deste produto no País. Assim, o mercado internacional coloca-se como uma alternativa para o produtor brasileiro comercializar a produção. Entretanto, é necessário buscar estratégias para melhor explorar o mercado interno, estudos apontam que o consumidor brasileiro de mel possui poder aquisitivo mais elevado, sendo, portanto, exigente quanto a padrões de higiene, valores nutricionais e praticidade.

Na cadeia apícola nordestina, coexistem diversos canais de distribuição, desde os mais simples, em que o apicultor vende seu produto diretamente ao consumidor final, até aqueles mais sofisticados com a presença de vários intermediários.

A intermediação ocorre por meio de agentes primários (apicultores, entrepostos, associações ou cooperativas), geralmente é exercida por um apicultor local que se especializa na comercialização. Esses agentes podem comercializar com processadores/fracionadores, mercados atacadista e varejista e ainda vender o mel diretamente para o consumidor final. Porém, na maioria das vezes, o intermediário atua no canal de comercialização do mel a serviço dos entrepostos, sua remuneração é advinda de comissões sobre o volume de mel comercializado.

Por geralmente ser da região produtora, esse ator da cadeia conhece a maioria dos apicultores e possui uma grande capilaridade. Deste modo, desempenha um importante papel na cadeia produtiva do mel, pois possibilita o escoamento da produção dos apicultores que muitas vezes estão instalados em locais de difícil acesso (SEBRAE, 2009).

No Ceará, elevado percentual de apicultores comercializa sua produção para intermediários devido à inexistência de uma estrutura mais sólida de alguma modalidade associativa auto-organizacional que possa coordenar o elo distributivo da produção.

Já no Piauí e Bahia, grande número de apicultores repassa sua produção para as cooperativas a que estão vinculados, e estas a encaminham à cooperativa central, que, por sua vez, vende a produção para empresas exportadoras. No Piauí, a própria Casa Apis (Central de Cooperativas) exporta a produção.

De acordo com o MAPA (2019), o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão não possuem estabelecimentos habilitados a exportar produtos apícolas, assim, parte do volume do mel produzido nesses estados é comercializada para representantes de empresas exportadoras de estados vizinhos e de estados do Sudeste do País.

5.1 Exportações

Com relação ao mercado externo, o Brasil é reconhecidamente fornecedor de mel orgânico. De acordo com o USDA (2019), 91% de todo o mel orgânico importado pelos Estados Unidos em 2018 foi procedente do Brasil, sendo esse um dos mais valorizados no mercado americano.

Em termos de divisas, ocorreu um expressivo crescimento das exportações brasileiras de mel a partir de 2014. Esse bom resultado foi decorrente, em parte, do crescimento do volume exportado, porém, o fator que mais contribuiu para esse grande incremento no faturamento foi a valorização do produto brasileiro no

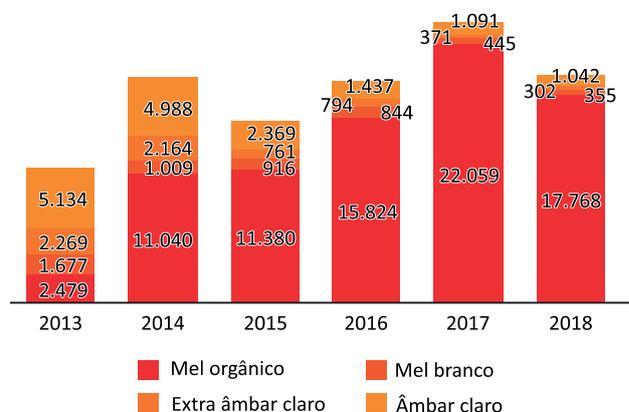
mercado americano, que passou a importar do Brasil maior quantidade de mel orgânico que possui elevado valor de mercado.

Entre 2014 e 2017, o volume de mel orgânico enviado para os Estados Unidos aumentou 345,3%, de 11 mil para 22 mil toneladas em 2017 (Gráfico 3).

O Semiárido brasileiro é a região com maior potencial de produção de mel orgânico no País, pois a principal fonte de néctar e pólen é a vegetação nativa. Entretanto, já existem extensivas áreas implantadas com eucalipto na Bahia e no Maranhão. É importante ressaltar que em 2015, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) aprovou a liberação comercial do eucalipto transgênico no Brasil.

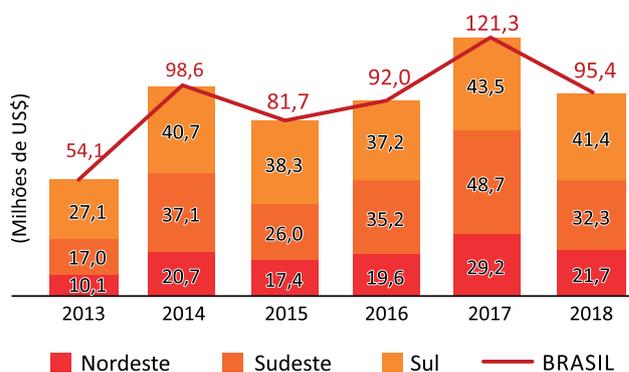
Em 2018, houve retração das exportações brasileiras de mel, em termos de valor a redução foi de 21,3% em relação a 2017. Este fato está associado a menor demanda americana por mel do exterior. Os Estados Unidos são o principal destino do mel produzido no Brasil e em 2018, suas importações totais foram reduzidas em quase 25%. Quase 80% do volume total de mel exportado pelo Brasil foi destinado para os Estados Unidos.

Gráfico 3 - Exportações brasileiras de mel para os Estados Unidos por tipo (Em toneladas)



Fonte: USDA, (2014, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019).

Gráfico 4 - Valor das exportações brasileiras de mel (Em milhões de US\$)

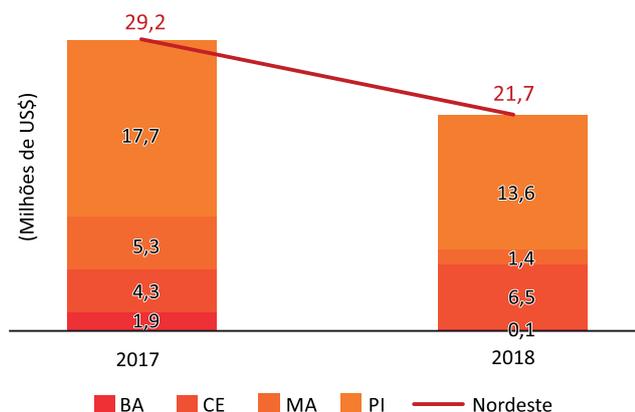


Fonte: MDIC/MAPA (2019).

No Nordeste, apesar do volume exportado em 2018 ter se mantido praticamente estável em relação a 2017, o valor das exportações de mel caíram 25,6%, fato associado a queda do preço do produto no mercado americano, principal destino das exportação nordestinas.

O Piauí foi o Estado que sofreu a maior redução, pois o crescimento do volume exportado não foi suficiente para compensar a redução no preço. O Maranhão, além de enfrentar redução do preço, enviou menor quantidade de mel ao mercado externo. No Ceará, o crescimento do volume exportado em 2018, (92,4%), compensou a redução do preço, assim o faturamento do Estado cresceu 50,7%.

Gráfico 5 - Valor das exportações nordestinas de mel (Em milhões de US\$)



Fonte: MDIC\MAPA (2019).

6 Preços

Não existe no Brasil um banco de dados para o preço do mel no mercado interno nem para o preço ao produtor.

Com relação aos preços de exportação, pode-se observar pelos dados do (MDIC\MAPA, 2019), que ocorreu uma valorização do produto brasileiro entre 2013 e 2017 (Gráfico 6), em parte como resultado da redução da oferta. Além da quebra de safra no Brasil, houve dificuldades de produção em outros países como a Turquia, Espanha e Canadá. Outro fator que contribuiu para a elevação da cotação do mel brasileiro foi o aumento do volume de mel orgânico exportado para os Estados Unidos, que é um dos mais valorizado no mercado americano.

Em 2015, a queda no preço do mel brasileiro foi provocada pela maior concorrência com países como Turquia, Tailândia e Taiwan que enviaram maior quantidade de mel branco aos Estados Unidos a preços mais baixos que o de países reconhecidamente exportadores de mel de alta qualidade (PHIPPS, 2017), a exemplo da Argentina, México e Brasil. Em 2016 e 2017, o preço do mel brasileiro exportado voltou a crescer como resultado do aumento das exigências no mercado mundial no que diz respeito à qualidade.

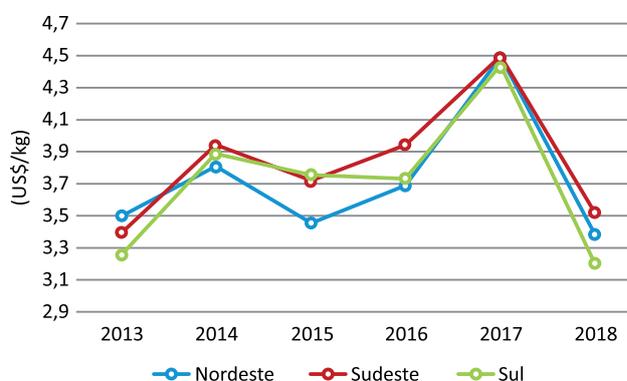
Com relação ao comportamento do preço de exportação de mel natural no Brasil, Costa Junior (2017) mostrou que existe uma relação de equilíbrio de longo

prazo entre os estados de São Paulo, Ceará e Piauí com o Rio Grande do Sul, que atua como mercado central de mel no País. No Gráfico 6, observa-se que os preços de exportação do Nordeste, Sudeste e Sul tendem a convergir.

Entretanto, em 2015 o preço de exportação do mel do Nordeste se descolou das demais Regiões (Gráfico 6), com queda de 9,0% em relação ao ano anterior. O melhor desempenho do Sudeste pode ter sido decorrente da adoção de uma estratégia de mercado mais eficiente por parte dos exportadores dessa Região. Em 2015, parte das exportações do Sudeste, quase 11,0%, foram redirecionadas para mercados que pagaram preços melhores, a exemplo da Alemanha e do Canadá. Vale resaltar ainda que em 2015, houve ampliação da oferta do mel no Nordeste em 16,6% e que a Região perdeu fatia de mercado nos últimos anos para outras regiões do País. Portanto, o aumento da oferta pode ter contribuído para essa queda de preço.

Entre 2016 e 2017, o preço do mel nordestino assim como o das demais regiões voltou a se valorizar no mercado externo, chegando a se comercializado a US\$ 4,5/kg em 2017. Porém, em 2018 o preço de exportação de mel caiu em todas as regiões (Gráfico 6), o que pode ter sido associado a maior produção de mel nos Estados Unidos.

Gráfico 6 - Preço médio de exportação de mel (US\$/kg) no Sudeste, no Sul e no Nordeste entre 2013 e 2018



Fonte: MDIC\MAPA (2019).

7 Considerações finais e perspectivas

Poucas regiões do mundo possuem um potencial de produção de mel orgânico comparado ao semiárido brasileiro, no entanto, o setor apícola dessa região tem passado por sérias dificuldades de produção devido à restrição hídrica.

A partir de 2013 houve crescimento da produção na Bahia, Piauí e Maranhão, mas o volume de mel produzido em 2017 na área de atuação do BNB ainda foi inferior ao obtido em 2011. Ainda será necessário um grande esforço dos produtores de todos os estados para recompor os enxames perdidos, o que depende não somente da ocorrência de bons períodos de chuva, mas também de trabalho e de recursos financeiros. Para minimizar as perdas provocadas por longos períodos de estiagem é necessária

a adoção de melhores práticas de manejo principalmente com relação à alimentação e ao sombreamento. Portanto, para a mais rápida recuperação da produção, é importante apoio creditício com a concessão de custeio.

O mercado interno para o mel no Brasil ainda é potencial, porém muito amplo, portanto, o setor produtivo pode usar estratégias para ampliar este mercado, como investimento em propaganda e disponibilização de produto de boa qualidade em pequenas embalagens.

Diante do baixo consumo *per capita* no Brasil, o mercado internacional coloca-se como uma alternativa para a comercialização da produção. No mercado mundial o Brasil é reconhecidamente fornecedor de mel orgânico de elevada qualidade, sendo a maior vantagem comparativa do Brasil e do Nordeste. Porém, a pulverização indiscriminada das grandes culturas, a ampliação de cultivos de espécies de plantas geneticamente modificadas e que também são fornecedoras de néctar e ou pólen para as abelhas e a prática do uso da soja para alimentação das colônias nos períodos de entressafra pode contaminar o mel e colocar em risco este mercado. Para ser considerado orgânico, o mel não pode conter nenhum traço de transgenia.

É crescente no mundo a preocupação com produtos alimentícios contaminados e adulterados, em 2018 o parlamento Europeu apresentou medidas para proteger as populações de abelhas e combater as importações de mel adulterado. Para aumentar a produção de mel de forma sustentável, todos os elos da cadeia produtiva devem ficar atentos às exigências dos mercados consumidores com relação à qualidade.

A demanda mundial por mel, principalmente por produto diferenciado, mostra tendência de crescimento. No entanto, para atingir mercados que remunerem melhor é importante a diferenciação do mel brasileiro por meio do desenvolvimento de pesquisas científicas sobre os benefícios na saúde que os vários tipos de méis produzidos no Brasil podem ter, assim, o mel brasileiro poderia deixar de ser vendido com base somente nas características físico-químicas, para ser comercializado como alimento funcional.

As importações mundiais de mel continuam dominadas pelos Estados Unidos, porém, a China está começando a desbancar os tradicionais compradores de mel da União Europeia ao adquirir mel a altos preços relativos. Portanto, a China pode ser um mercado potencial para o mel brasileiro que é reconhecidamente de elevada qualidade no mercado externo.

Além disso, há possibilidade de maior demanda dos Estados Unidos pelo mel brasileiro na próxima safra, pois as perspectivas de produção de mel em 2019 na Argentina, segundo maior exportador mundial, são desfavoráveis.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. **Alimentos Funcionais**. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=2866855&_101_type=content&_101_groupId=219201&_101_urlTitle=alimentos-funcionais&inheritRedirect=true>. Acesso em: 20 de fev. 2019.
- COSTA JUNIOR, M. P. da; KHAN, A. S.; SOUSA, E. P.; LIMA, P. V. P. S. Integração espacial dos mercados exportadores de mel natural no Brasil. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.31-53, 2017.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA - FAO. **Faostat. 2019**. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data>>. Acesso em: 06 fev. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa pecuária municipal**. IBGE (2017). Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/74>>. Acesso em: 04 de fev. 2019.
- KHAN, A. S. et. al. **Perfil da apicultura no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2014. 246p. (Série Documentos do Etene nº 33).
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - MAPA. **Relação de Produtos Autorizados para os Estabelecimentos Brasileiros Exportarem por País**. MAPA. Disponível em: <http://bi.agricultura.gov.br/reports/rwsservlet?sigisif_cons&prod_aut_estab_bra_exp_pais.rdf&p_id_pais=&p_id_mercado_comum=&p_id_area=5&p_id_produto=&p_serial=1349412235¶mform=no>. Acesso em: 08 de fev. 2019.
- PHIPPS, R. **Analisis del Mercado Internacional de la Miel**. Disponível em: <<http://www.noticiasapicolas.com.ar/economia.htm#China>>. Acesso em: 25 de abr. 2017.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. **Apicultura: uma oportunidade de negócio sustentável**. Salvador, 2009. 52p.
- SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR/MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E DO ABASTECIMENTO. MDIC/MAPA. **AGROSTAT**. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>. Acesso em: 05 de fev. 2019.
- UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. **National honey report. Jan. 2019**. Disponível em: <www.marketnews.usda.gov/mnp/fv-home>. Acesso em: 11 fev. 2019.

ANÁLISES DE 2018 DISPONÍVEIS

- Aquicultura e pesca - 11/2018
- Indústria da construção civil - 11/2018
- Grãos: feijão, milho e soja - 11/2018
- Bovinocultura leiteira 2 - 11/2018
- Setor hoteleiro no Brasil - 11/2018
- Cajucultura - 11/2018
- Comércio 2018/2019 - 11/2018
- Café - 10/2018
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira 1 - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Saneamento básico - 08/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Energia eólica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Grãos - 06/2018
- Móveis - 06/2018
- Energia solar - 05/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Mel - 04/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Algodão - 03/2018
- Alimentos - 03/2018
- Sucroenergético - 02/2018
- Shopping Centers - 02/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Título	Previsão
Panorama da infraestrutura nordestina	janeiro-19
Panorama da agropecuária no Nordeste	fevereiro-19
Telecomunicações	fevereiro-19
Petróleo e gás natural	março-19

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2019

Biocombustíveis	abril-19
Micro e pequenas empresas	abril-19
Móveis	abril-19
Microgeração de energia	abril-19
Indústria de alimentos	abril-19
Bovinocultura leiteira	abril-19
Tecnologia da informação	abril-19
Commodities agrícolas nordestinas	maio-19
Energia solar	maio-19
Hortaliças: batata e tomate	maio-19
Locação de imóveis	maio-19
Sucroenergético	maio-19
Indústria de bebidas alcoólicas	junho-19
Saúde	junho-19
Grãos: feijão, milho e soja	junho-19
Carnes	junho-19
Energia eólica	julho-19
Apicultura	julho-19
Comércio eletrônico	julho-19
Floricultura	julho-19
Couros e calçados	julho-19
Indústria de bebidas não alcoólicas	julho-19
emprego e renda agrícolas	julho-19
Indústria da construção civil	agosto-19
Setor têxtil	agosto-19
Cafeicultura	agosto-19
Fruticultura	agosto-19
Saneamento básico	agosto-19
Indústria siderúrgica	agosto-19
Produção de mandioca – raiz, farinha e fécula	setembro-19
Rochas ornamentais	setembro-19
Vestuário	setembro-19
Indústria petroquímica	outubro-19
Cajucultura nordestina	outubro-19
Citricultura	outubro-19
Hotéis	outubro-19
Grãos: feijão, milho e soja	outubro-19
Comércio	outubro-19
Energia térmica	outubro-19
Aquicultura e pesca	novembro-19
Cocoicultura nordestina	novembro-19
Silvicultura	novembro-19
Turismo	novembro-19
Serviços	novembro-19
Algodão	dezembro-19